MUNDARÉU

MUNDARÉU - PODCAST DE ANTROPOLOGIA
LABJOR/Unicamp

Sexta temporada

Episódio #32: Mulheres empoderando mulheres na Ilha do Marajó (PA)

Transcrição do episódio: Isabela Dantas

Revisão da transcrição: Daniela Manica e Igor Pereira

Roteiro: Daniela Manica

Legenda

BLOCO

TRILHA SONORA

Vinheta de abertura: "Já foi", de Janine Mathias.

Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

Pra que esperar se eu sou movimento?

Pra que questionar inventaram o tempo

É hora, agora, já foi

É hora, agora, já foi

ABERTURA

Daniela: Como pode ser um projeto de extensão com enfoque feminista na Amazônia? Quais são as demandas, dificuldades e potências de encontros empoderadores entre mulheres? No episódio de hoje, a gente vai te levar conosco para a Ilha do Marajó, no Pará. Vamos conhecer o projeto Empodera Marajoara, coordenado pela professora Lana Macedo, da UEPA, Universidade do Estado do Pará. Eu sou Daniela Manica, antropóloga e pesquisadora do Labjor/Unicamp.

Fernanda: E eu sou Fernanda Mariath, mestra em divulgação científica e cultural pelo Labjor. Em junho de 2024, a Dani foi com Isabela Dantas, estudante de Midialogia da Unicamp e na época na equipe do Mundaréu, e com a professora Tânia Perez-Bustos, da Universidade Nacional da Colômbia para Belém. A Lana convidou nossa equipe para ir até Salvaterra, na Ilha do Marajó, para conhecer algumas pessoas que participaram do projeto. Elas visitaram uma escola quilombola e o campus da UEPA na cidade. Era época de festas de São João, e elas também viram as lindíssimas quadrilhas juninas das quais muitos estudantes da universidade e pessoas da cidade participaram.

Daniela: A gente pegou o que se chama de “lança rápida” no Terminal Hidroviário de Belém, e atravessamos o rio Guamá por duas horas e pouco até chegar no porto de Soure, na ilha do Marajó.

[som de motor ao fundo]

Daniela: De lá, atravessamos de barco até Salvaterra, onde um ônibus da universidade nos esperava. Fomos muito bem recebidas pela Carmel, que é a coordenadora do campus Salvaterra, e pela sua equipe.

Fernanda: Nossa equipe visitou o quilombo de Boa Vista, que foi uma das unidades atendidas pelo projeto Empodera Marajoara, conheceu a escola quilombola dirigida pela Professora Lindiara dos Prazeres, e o projeto Samaúma, de biblioteca itinerante. E conheceu a Lídia, uma liderança quilombola e ex-estudante da UEPA, que foi a principal responsável para que o projeto fosse levado até lá.

BLOCO 1 - UM PROJETO DE EXTENSÃO, UMA ILHA, QUATRO CIDADES E OITO CURSOS

[Barulho de ônibus, vozes e entrada na escola]

Lidia Paraense: Boa tarde, meu nome é Lídia Paraense, eu sou natural mesmo de Belém e me aquilombei desde 2014 no Quilombo Boa Vista. O que me traz aqui a esse podcast foi a minha participação no projeto Empodera Marajoara, onde eu tive a oportunidade de levar o curso do projeto. É uma formação para as meninas do quilombo. Nós sabemos que nós, mulheres, nós somos muito espalhadas. Eu digo sempre que nós somos as portadoras das sementes, somos semeadoras em tudo que a gente faz no nosso dia a dia. A gente está onde a gente quer estar. Mas isso nem sempre foi assim, eu lembro bem do tempo da minha avó que quando eu queria alguma coisa eu

tinha que esperar meu avô chegar do campo porque era meu avô que dava a decisão final se eu podia ou não podia. Hoje nossas irmãs elas já têm essa autonomia né, de dizer o que elas querem fazer, como elas querem. Nós, como nós queremos, a forma de vida que a gente quer levar, se a gente quer continuar sendo dona de casa ou se a gente quer continuar sendo dona das nossas vidas.

Daniela: O projeto Empodera Marajoara foi desenvolvido com quatro municípios do Marajó:

Lana Macedo: ...Salvaterra, Cachoeira do Arari, Muaná e Ponta de Pedras. Nesses quatro municípios foram desenvolvidos oito cursos profissionalizantes. Foi o curso de pães caseiros, de trufas regionais, gestão financeira, esmalteria, cabeleireiro, manicure, pedicure, limpeza de pele e design de sobrancelhas. Cada curso tinha 20 horas. A proposta era, inicialmente, para 20 mulheres, mas alguns cursos a gente teve que ampliar, porque a procura foi muito grande e a gente precisou fazer duas turmas para que pudesse atender a demanda. Porque a gente entendia que eram duas possibilidades, duas áreas que possibilitavam às mulheres ter esse ganho imediato de trabalho. Então, não precisa de grandes equipamentos, de uma estrutura muito grande para que essas mulheres possam realizar os cursos. Pães caseiros, ela pode fazer na cozinha dela e vender. A gente vê que a necessidade de que essas mulheres tenham essa renda é muito grande na ilha do Marajó, que é uma região que é predominantemente agrícola, e que o número de empregos formais é muito raro, é muito difícil acessar, então, sobretudo para as mulheres. Então, se elas não têm nem a formação, essas formações básicas, elas não conseguem gerar um mínimo de renda para elas, para elas, para os seus filhos, para as suas famílias.

Fernanda: Essa é a Lana Macedo, professora da Universidade do Estado do Pará e coordenadora do projeto. Ela nos contou um pouco sobre suas motivações para desenvolver o Empodera Marajoara.

Lana: Sou formada em Ciências Sociais e, desde a minha graduação, eu trabalho com a discussão voltada para as mulheres. Bem, eu sou, a minha trajetória pessoal, eu fui criada com a minha avó. Porque minha mãe teve um problema no parto, onde ela não pôde, ela ficou internada por um mês, entrou em coma, e aí a minha avó me levou para criar e depois não quis mais me devolver para os meus pais, basicamente isso. Mas eu digo que três pessoas foram fundamentais em toda a minha trajetória de vida e formação, que foi minha mãe, minha avó e minha tia, porque quem me criava era minha avó, mas com ajuda financeira da minha tia que trabalhava. Então, essas três mulheres foram fundamentais para que eu pudesse estudar, pudesse fazer uma universidade, coisa que elas não tiveram acesso à universidade. Então, na minha família materna, eu sou a primeira mulher a entrar

em uma universidade. Isso é um dado importante, porque ainda hoje a gente vê muitas mulheres, não só mulheres, mas muitas pessoas que são as primeiras, sobretudo das camadas mais pobres, de onde eu vim. Então, as mulheres que têm acesso a chegar ao ensino superior, é para essas famílias uma grande conquista. Então, eu fui a primeira mulher da minha família a entrar numa universidade pública.

Lana: O Empodera Marajoara, dentre vários outros projetos que a gente fez, mas esse em especial foi um projeto que nos possibilitou fazer uma ação concreta, porque ele não é uma pesquisa, de fato. A gente tem um pouquinho de pesquisa, mas o foco central dele é a extensão. O Marajó é considerado o maior arquipélago flúvio-marítimo do mundo. É uma extensão territorial enorme e nós temos dados que mostram, da FAPESPA de 2022, que os índices de IDH, Índice de Desenvolvimento Humano, do Marajó são os mais baixos do estado do Pará. Então, é uma região que tem muitas carências na área da educação, na área da saúde, na moradia, enfim, na área do emprego. A gente tem um dado que mostra que apenas 2% da população do Marajó tem empregos formais. Hoje, por exemplo, nós temos a lancha rápida que a gente se deslocou, mas isso é muito recente. Então, até pouco tempo atrás, nós tínhamos balsas de, no mínimo, quatro horas, barcos que levavam muito mais tempo para chegar aqui em uma viagem, em um percurso que hoje nós fazemos em duas horas. Então, isso tudo dificulta muito o acesso ao Marajó. E, quando a gente fala de acesso ao Marajó, é o acesso mesmo de equipamentos urbanos, da parte de, por exemplo, a UEPA, que é a Universidade do Estado do Pará, a gente só consegue estar em um município do Marajó, que é Salvaterra, que é este município aqui.

Daniela: A gente também foi pro Marajó com a Professora Ana Conceição Oliveira.

Ana Conceição Oliveira: Eu sou a professora Ana Conceição, sou da Universidade do Estado do Pará.

Daniela: A Ana Conceição foi pró-reitora de graduação durante oito anos na UEPA, por duas gestões. E nesse período a Lana foi diretora de ensino. Elas nos contaram que foi um período de muitos desafios, mas que elas se fortaleceram na atividade, porque...

Lana: ...porque nós construímos um espaço formado majoritariamente por mulheres. É um espaço diferenciado dos outros espaços da universidade, que a maioria eram homens. Então, isso foi uma coisa que nos fortaleceu. Daí que a gente cria esse vínculo de amizade e de parceria com ela, com a Camila, porque a Camila também estava conosco.

Fernanda: A Camila não estava em Salvaterra no dia da gravação. Mas ela é professora da UEPA no Campus de Salvaterra e doutoranda em Educação pela PUC-Rio. A Camila foi uma das principais articuladoras locais na composição dos cursos, recrutando pessoas na cidade para ministrar e para fazer os cursos que foram oferecidos. O Ramon, com quem a gente vai conversar já já, também.

Ana Conceição: A prioridade da seleção das instrutoras é que elas residissem no município. Nós só tivemos uma instrutora de Belém, nos quatro municípios, nos oito cursos. Todos foram selecionados da própria comunidade, das suas experiências, que era uma das nossas bandeiras. Eram mulheres empoderando mulheres. Um desafio nosso, um dos maiores, foi montar esses kits de acordo com os cursos. Por exemplo, eu e a Lana íamos à loja e ficava assim, pedia a primeira lista para os instrutores e nós íamos às compras. Aí, imagina a gente comprar forma para quatro cursos para 20 mulheres, aí passava para esmaltaria, aí falava assim, não, nós temos que ter 80 alicates, separa em quatro caixas, 20 alicates de cada um. Nós saímos da loja com tudo, separado para o município de Salvaterra, município de Ponta de Pedras. E aí tava todos os municípios. E era um desafio nosso, porque a gente não conhecia os itens. Porque a proposta realmente do curso era que as mulheres não deixassem de fazer o curso por falta do equipamento necessário, a infraestrutura necessária para o curso. Então, o curso já previa esse kit de acordo com o curso. E ficava eu e a Lana lá, num sábado, escolhendo panela, forma e sabe assim, então assim foi, para que todo o curso fosse atendido da forma que estava previsto na proposta. Então, assim, as salas de aula do campus nos facilitou, mas também nós fomos para lugares onde não tínhamos campus. Né, Muaná, Ponta de Pedra, não temos campus lá, então nós tivemos que recorrer à prefeitura, que era o nosso primeiro contato, era com a prefeitura para apresentar o projeto para a prefeitura e dizer o quanto precisávamos do apoio da prefeitura para desenvolver esse processo que às vezes tinha que ver local...

Lana: Então, o Empodera Marajoara, ele é um projeto de extensão que consegue fazer com que a gente traga às mulheres do Marajó cursos de formação de capacitação profissional. Ao mesmo tempo, a gente trouxe palestras sobre violência contra a mulher, sobre saúde íntima da mulher, palestras sobre a lei Maria da Penha, consultoria jurídica, consultoria psicológica. Além da área da saúde, vários profissionais da área da saúde, como os médicos, várias especialidades, algumas especialidades que são difíceis, inclusive em Belém, como neurologista, a gente conseguiu em um município, mas levamos pediatra, dermatologista, enfim, várias especialidades, além da clínica geral.

Ana Conceição: E o mais interessante é que o projeto foi encantando outros centros. Por exemplo, nós chegamos a ter o diretor do centro, que é o CCBS, Centro de Saúde, presente nos nossos eventos. E vocês sabem que tirar os médicos da sua zona de conforto não é muito fácil, né? E ele, com sua equipe de residentes, abraçou o projeto. A professora Erika, também, que é do curso, coordenadora do curso de fisioterapia. Nós fomos agregando outros profissionais da área de saúde, da área da educação, como o projeto previa, e foi encantando a universidade.

Lana: Quando o Empodera, quando a gente conseguiu executar esse projeto por um ano, todo mundo se surpreendeu um pouco, porque a gente não sabia que ia ter esse [sucesso]. Quando a gente viu, começou a sair nos jornais, começaram a divulgar e falar. Os prefeitos, as prefeituras tinham interesse, queriam conhecer. E a gente teve prefeituras que foram até a nossa sala, na UEPA, reivindicar o projeto. “Não, a gente quer esse projeto!” Mas aí, a gente tem a questão de toda a logística do Marajó, da questão de ser um custo muito mais alto... Ele aconteceu porque houve o fomento da Secretaria de Ciência e Tecnologia, né, a SecTET, foi a SecTET que possibilitou que a gente, que a UEPA, desenvolvesse o projeto. Quando a gente apresentou o projeto pra eles, eles aprovaram o projeto, né, isso. E aí, a gente realizou durante um ano e depois a gente pensou, então, vamos tentar expandir para os outros, porque a gente viu que várias outras prefeituras tinham interesse, queriam o projeto. Inclusive, a possibilidade de expandir para a região dos quilombolas, porque a gente só conseguiu contemplar uma em Salvaterra, e depois a gente percebeu que a gente precisava ampliar, mas nós não tínhamos condições de fazer isso.

Daniela: Eu fiz as contas lá... foram 4 cidades, 8 cursos, 32 instrutoras, 20 estudantes para cada curso. Então, um público de umas 680 mulheres envolvidas com o projeto, contando com as docentes e coordenadoras locais.

BLOCO 2 - FUNCIONAMENTO DO PROJETO E OS SENTIDOS DO EMPODERAMENTO FEMINISTA

[Trilha sonora]

Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental.

É hora, agora, já foi

Eu quero cantar pra saudar o vento

Que é como o amar de cada momento

A paixão e a paz e eu já não me aguento

É querer demais que eu tenho aqui dentro

Fernanda: No dia da gravação vieram pro campus da UEPA em Salvaterra várias pessoas envolvidas com o projeto, como a Carmelita, coordenadora geral do Campus, que nos recebeu com lanche e muita atenção. O professor Ramon, e também a Sara, que foi uma das instrutoras do curso de panificação na cidade. Ela nos contou sobre como foi esse processo.

Sara Monteiro: Boa tarde, meu nome é Sara Monteiro, eu tenho 31 anos. Eu trabalhava como assistente social, veio a pandemia, tudo parou. Então, eu tinha uma amiga nutricionista, nós trabalhávamos juntas no município. Então, nas horas vagas, a gente começou a pegar umas receitas de vó. Aí nós juntamos as receitas dela, as receitas que eu tinha, da minha avó, e começávamos a fazer pão nas nossas folgas, né? A gente até usava a nomenclatura, “ah, hoje vamos fazer pão, na pandemia vai, a pandemia gerou pãodemia”. Então nós começamos a produzir pães.

Daniela: Sara nos contou um pouco sobre o impacto e a importância do curso de panificação para a comunidade que participou.

Sara: Aqui mesmo no município, eu já vi alunos que participaram do projeto e que atualmente fazem pão para venda e é um dos seus meios de sustento. Nós temos vilas aqui que não tem acesso a comprar pão, não tem padaria. Nós já vimos relatos de vilas que têm que vir em Salvaterra para comprar o pão. Então o pão que eles compram em Salvaterra dura dois, três dias para aquela família e depois aquela família não tem mais. Então, cheguei até aqui na UEPA para ministrar o curso, foi um curso de uma semana, 20 horas. Os cursos se realizaram à tarde. Cada dia, elas aprendiam a fazer uma massa diversificada. Então, eu não ensinei apenas elas fazerem um tipo de pão caseiro. E também a trabalhar com que nós temos de fácil acesso na nossa região, que é o queijo do Marajó e o doce de leite, que é o que essas mulheres podem ter mais acesso. E algo também que eu busquei trabalhar com elas foi estar adequando à realidade de cada mulher.

Fernanda: Acho que é legal contar que o campus de Salvaterra tem o curso de Tecnologia de Alimentos e um bom laboratório, que facilitou a oferta do curso. Mas, mesmo assim, a equipe do projeto se preocupou em oferecer o curso de maneira que as mulheres pudessem depois trabalhar de forma autônoma, com o que tivessem em suas casas.

Sara: Então, teve um dia que a gente fez na bateadeira. Eu dividia em equipe. Olha, essa equipe vocês vão bater a massa e vão usar a bateadeira. Essa equipe vocês vão usar o liquidificador. E essa equipe nós vamos bater na mão. Porque quando eu não tiver acesso a uma bateadeira, quando eu não tiver acesso a um liquidificador, eu vou fazer a minha massa na mão. As mulheres também do quilombo que foram atendidas pelo curso. Muitas chegaram até a mim com essa demanda. Nós não temos acesso nem ao liquidificador. Não, isso não vai ser um problema. Você não vai deixar de aprender e de estar gerando uma fonte de renda pra você e pra sua família.

Daniela: O curso de panificação fez bastante sucesso. Para participar do curso, os professores da UEPA, como Camila e Ramon, ajudaram, recrutando mulheres da comunidade que poderiam atuar como instrutoras locais, bem como as mulheres interessadas em participar dos cursos. A gente conversou um pouco com Ramon sobre como isso funcionou.

Ramon Barroso: Eu me chamo Ramon, sou pedagogo e mestre em educação. Atualmente sou professor aqui do município de Salvaterra, mas vim de uma outra realidade.

Daniela: O Ramon fez a graduação em São Miguel do Guamá, que fica a 150 km da capital, e fez o mestrado na UEPA em Belém. Ele é participante do grupo GEFES, Gênero, Feminismos e Sexualidades, coordenado por Lana, e doutorando em Educação. Tem o link para o grupo GEFES na descrição do episódio.

Ramon: A facilidade em Salvaterra é por conta do campus da UEPA, que é diferente dos outros municípios onde o projeto estava presente. Então, esse momento inicial de tentar selecionar quem eram as alunas, então nós inicialmente lançamos a proposta em grupos, na rádio, de todas as formas possíveis, divulgamos para a comunidade. E também conseguimos diálogo com lideranças quilombolas, das comunidades remanescentes de quilombo. Então, entramos em contato, pedimos para que eles enviassem as listas de quem teria interesse em fazer os cursos, mas, inicialmente, houve a dificuldade, por quê? Por conta da locomoção, como essas mulheres viriam de lá das comunidades pra cá? Aí foi que surgiu a ideia de nós levarmos até as comunidades. Então eu lembro que a gente saía toda tarde aqui, eu, a professora Carmelita e a Bruna, que era a instrutora de design de sobancelha, pra ir até Boa Vista. Aí passava às vezes o dia inteiro, ficava uma tarde lá e já levava todo o equipamento pra fazer o curso lá. Eu considero que, acho que, umas 7 ou 8 comunidades foram contempladas porque vieram até nós. Uma foi contemplada porque nós fomos até eles.

Fernanda: A Lídia era uma dessas estudantes e foi quem mobilizou a ida do projeto para a escola do quilombo Boa Vista. A gente pediu pra ela nos contar como que isso aconteceu.

Lídia: Foi meio que na pressão, né? Tenho 12 mulheres aqui, mas elas não têm como ir para a UEPA. E elas precisam, elas querem demais fazer. Então, de fato, vocês foram hoje na comunidade, viram a distância. E era um período chuvoso, não era, gente? Então, não tinha como elas virem.

Fernanda: O quilombo Boa Vista fica a mais de 10 km da UEPA. A estrada é de terra e há poucos meios de transporte conectando os dois lugares. Lídia conseguiu mobilizar os recursos do projeto de modo que Ramon, Carmel e Bruna, a instrutora, pudessem ir para o quilombo oferecer o curso. Ela nos contou como era sua rotina de estudante na UEPA e como foi que ela ficou sabendo, através da Camila, sobre o Empodera Marajoara.

Lídia: Tá, eu disse: “o que é que vai ter?” O que me chamou a atenção foi justamente o curso de panificação. E aí, infelizmente, eu cheguei e já não tinha mais vaga. Foi rapidinho, preencheu, né? Essas inscrições, não foi? Bom, eu não vim de lá pra perder oportunidade, vou entrar já no outro. Entrei no design de sobancelha, mas aí, a gente conversando, né? Eu disse: “Poxa! Mas tem umas meninas lá na comunidade que gostariam muito de fazer esse curso”, e estava em voga a questão do design de sobancelhas. E a questão da henna tava muito forte e tal. E aí, Ramon me liga: “Lídia, tem como tu formar a turma aí?” Eu disse: “É pra já!”. Saí de casa em casa, formei a turma, passei pra ele. E agora? Então, foi dessa forma que eu consegui, eu tive conhecimento do curso através da professora Camila. Eu costumo dizer que eu atirei no que vi, acertei no que não vi, né? Porque eu queria fazer panificação e já fui, eu já fui o canal de conduzir o curso pra dentro da comunidade, onde o Empodera foi empoderar outras mulheres. E a questão do que o Ramon fala, que é mulher empoderando mulher, e eu sou uma ativista do movimento feminino, então, onde tem mulher, eu tô lá, e onde tem alguma política que venha a favorecer as manas, eu participo, isso aqui é um grupo nosso, coletivo de mulheres, de dançarinas, das labás, e é mulher fortalecendo mulher. Como eu disse hoje de manhã pra vocês, nós somos as semeadoras, né? Então, onde tem uma política que a gente sabe que vai favorecer, que sabe que vai empoderar, a gente vai lá, fica “cavocando”, “cavocando”, né, irmão, até conseguir trazer.

Lídia: E a importância, pra mim, a importância do Empodera Marajoara, quando eu falo de trazer oportunidade para mulheres que, onde a política pública deveria estar, as prefeituras, os órgãos de modo geral, né? E quando a gente vê uma oportunidade, a gente vai lá, vai buscar, é muito

importante, porque por estarmos num local afastado, nem sempre elas têm fácil acesso pra elas, né? Cabe quem tá aqui na linha de frente, eu sou uma liderança da minha comunidade e geralmente, é por isso que a gente tá sempre à frente, porque eu tenho a minha rede de comunicação com os amigos, com os ex-professores, com outras lideranças, e a gente tá sempre fazendo aquela rede de formação, fazendo aquela troca. E aí a gente vai em busca das oportunidades, a gente não deixa passar. E o Empodera veio trazer isso pra gente.

Daniela: Eu perguntei pra Lídia se ela se considera uma liderança feminista.

Lídia: Feminista e feminina. Eu me considero. Eu era a única irmã que morava com cinco irmãos. Então, a minha tarefa era cuidar das roupas, da alimentação dos irmãos, isso não me satisfazia nada. Eu não queria aquilo. Até hoje eu confesso que eu não sou uma boa dona de casa. Eu sou da lida, eu sou da luta, eu sou do embate. Tanto que quando tem algum evento na minha comunidade, já é automático. A pessoa “Lídia, vai lá”. Entendeu? Então eu me considero sim. No período da pandemia nós mulheres fechamos as nossas portas dos nossos quilombos, nós fomos pra lá, nós fomos pra luta, nós íamos buscar alimento, nossos maridos não podiam sair, ninguém podia sair dos quilombos. Então quem tinha o livre acesso a todos os espaços éramos nós, as mulheres. E então a gente... E que bom, eu me sinto uma feminina, uma mulher feminina, engajada no movimento feminista e me sinto uma privilegiada por poder estar indo buscar para as minhas que estão dentro do nosso território e que não tem acesso.

Daniela: Perguntei também pra Sara se ela achava que essa sua atuação com o projeto poderia ser caracterizada como uma atuação feminista.

Sara: Sim, enquanto assistente social também, eu trabalho nessa luta, sou engajada também no movimento feminista. E foi algo que me chamou muita atenção, também o Projeto Empodera, que era por trabalhar com mulheres, mulheres que estavam dentro dessa questão da vulnerabilidade, um perfil de vulnerabilidade socioeconômica. Que a gente sabe que hoje a mulher... como ela é vista no mercado de trabalho. Então é uma luta aí que nós precisamos, sim, empoderar outras mulheres e partindo do nosso conhecimento. Eu creio que conhecimento precisa ser multiplicado, né? Porque se eu tenho um conhecimento e fico pra mim, ele não valeu. Eu preciso estar multiplicando, né? De ser multiplicadora de conhecimento. Porque o Projeto Empodera, ele não apenas trabalhou, trouxe a questão viés da renda, mas eu observo que ele também, os professores, os idealizadores, eles pensaram também em trazer conhecimento e apropriação a essa mulher também em relação à

educação e saúde, que é algo muito importante. Essa mulher, ela não tem conhecimento em relação, às vezes, aos seus direitos enquanto mulher, direito reprodutivo, e foi o que o Projeto também abordou.

Fernanda: Lana comentou também o que ela entende como a perspectiva feminista presente nesse projeto de extensão. E como elas inseriram, para além da capacitação profissional que resultaria em renda, outras frentes de cuidado, atenção e acesso à informação para as mulheres que participaram do projeto.

Lana: A gente sabe, pelos estudos, pelos anos de movimento, que só a perspectiva econômica, ela não redonda em, de fato, o empoderamento feminino. Essa perspectiva é uma possibilidade, os estudos apontam isso, mas a nossa possibilidade acompanha, a nossa leitura, ela acompanha mais a da Nancy Fraser, que traz várias outras perspectivas, além da econômica, mas também a questão da autonomia, enquanto mulher, da descoberta do corpo, da questão do seu psicológico. Então, são vários aspectos. O econômico é um desses aspectos. E a gente sabe que se esses outros aspectos não forem considerados, esse empoderamento não tem sustentação, não tem base sólida. Ele é frágil. Então, quando a gente recebeu a proposta de trabalhar capacitação profissional, nós pensamos, a gente vai trabalhar isso, mas a gente vai inserir outras questões, porque só isso não é o suficiente. Essas mulheres precisam mais, elas precisam falar sobre o seu corpo, elas precisam conhecer o seu corpo.

Daniela: A Ana Conceição também contou sobre as frentes de apoio jurídico que eram trazidas através de palestras e aconselhamentos. E que ajudaram a reconfigurar as relações entre as mulheres e suas famílias, oferecendo oportunidades de empoderamento que passam pelo reconhecimento dos direitos das mulheres e os caminhos jurídicos para justiça e para equidade de gênero.

Ana Conceição: Na área jurídica, quem estava nos acompanhando nessas palestras era o nosso procurador. E foi assim, o relato dele é de um aprendizado, porque ele falou assim, “eu nunca pensei, eu me achava que eu não era machista, eu achava que eu estava assim dentro de um padrão dos homens, dos companheiros, e quando eu comecei a ouvir a Lana, ouvir a equipe, aí eu fui me enquadrando exatamente nos mesmos moldes de como é visto a mulher”. E ele, assim, foi estudar e se tornou parceiro nosso e falou que foi uma grande modificação na vida dele ter vindo para o projeto. Então, foi muito interessante. Nosso palestrante, todos, foi estudar a Lei Maria da Penha, foi estudar vários assuntos interessantes em relação para socializar com as mulheres. Então foi, assim,

marcou e hoje ele se considera Empodera, defende, e é um parceiro nosso. Nessas palestras, como a Lana falou, que vieram acompanhando a questão dos cursos, que a gente visava no início renda e vem fortalecendo, elas foram muito interessantes. Porque elas trouxeram as mulheres e as mulheres também teriam as palestras, porque os companheiros também estavam juntos. Estavam ouvindo sobre a questão da lei Maria da Penha, estavam escutando como é que era a questão da saúde íntima da mulher, porque elas eram abertas, as palestras, não só para as mulheres. Geralmente vinha com elas a filha, que não estava fazendo o curso, vinha o marido, vinha outras pessoas da família e sempre era lotado as palestras com essas temáticas que nós elegemos neste debate de discussão, sempre visando empoderamento feminino.

Ramon: Se nós formos ler as referências do projeto, são referências todas do feminismo. A professora citou a Nancy Fraser, mas nós temos outras também que foram referências para a construção do projeto, então isso é importante. E aqui dentro mesmo do espaço do arquipélago, quando o projeto foi pensado, as leituras que foram pensadas eram leituras a partir do que as mulheres já tinham produzido aqui. E aí fui pesquisar e encontrei a professora Maria, a professora Páscoa Sarmiento, que é uma das pesquisadoras daqui que discute essa questão também do feminino, do feminismo.

Fernanda: A Dani perguntou então pra Lana como esses projetos de extensão ajudam a pensar e problematizar os projetos de pesquisa.

Lana: A gente sabe que na universidade nós ficamos imersos em vários estudos, a gente fala o tempo todo de grupo de pesquisa, né? Então, a gente tá o tempo todo estudando, pesquisando. E, às vezes, essa imensidão que é a universidade, ela acaba nos impedindo de olhar para fora dos muros da universidade. Isso a gente sabe que é um problema, né? A gente tinha, eu sempre digo para os meus alunos em sala de aula, que há 30 anos atrás, quando eu fazia graduação em Ciências Sociais, e por que que eu falo de Ciências Sociais? Porque Ciências Sociais é um curso que é para trabalhar com a sociedade. E tem que ser um curso para formar pessoas, para ter esse olhar mais sensível com a sociedade. Só que na época da minha formação, por exemplo, esses debates, eles não estavam. Não existia. Você, em sala de aula, falar sobre racismo, você falar sobre a comunidade LGBTQIA+, você falar sobre o feminismo, sobre o gênero. Não, esses temas não existiam há 30 anos atrás. Embora a gente saiba que há 30 anos atrás, na década de 90, esses temas estavam praticamente chegando no Brasil, vindo dos Estados Unidos, da Europa. Enfim, a gente ainda estava iniciando. Tanto é que é o momento que eu também entro, que surge o primeiro grupo de estudos, de pesquisas sobre mulheres daqui da UFPa, que eu sou formada pela UFPa, que é o Grupo Eneida de Moraes, o GEPeM,

da professora Luzia Álvares, que é uma referência também nessa atuação dos movimentos feministas, não só no estado, mas na região amazônica, no Brasil inteiro. Ela conhece, ela tem uma dinâmica de aproximação muito grande, por exemplo, com o NEIM, da Bahia, que é um grupo também que discute sobre mulher, também já tem muito tempo de trajetória. Então, eu digo sempre que trabalhar com o movimento feminista, trabalhar com essa perspectiva do feminismo é o que me salva, muitas das vezes, para que eu consiga me ver e me colocar nesse mundo, nesse espaço que é tão patriarcal, que é tão fechado, onde as disputas de poder são muito fortes. E a gente tem e a gente sabe que a entrada das mulheres nesse espaço sofre muita resistência. Então, a gente precisa estar o tempo todo se colocando. A gente precisa estar o tempo todo se reafirmando enquanto mulher. Então o Empodera permite que a gente saia desses muros e fazer esse exercício de fortalecimento, de empoderamento com outras mulheres que estão, muitas das vezes, à margem da sociedade, que estão excluídas desse acesso que nós tivemos, mas muitas não tiveram.

[Trilha sonora]

Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

Eu quero cantar pra saudar o vento

Que é como o amar de cada momento

A paixão e a paz e eu já não me aguento

É querer demais que eu tenho aqui dentro

E eu tenho

Pra quê?

FECHAMENTO

Fernanda: São muitos os desafios na construção de um projeto de extensão com a escala e o perfil do Empodera Marajoara. Com a experiência de pesquisa, gestão universitária e de ativismo feminista de Lana Macedo e Ana Conceição Oliveira, esse projeto ofereceu oportunidades de formação e empoderamento para centenas de mulheres na Ilha do Marajó.

Daniela: A extensão é um dos tripés da função social da universidade, além do ensino e da pesquisa. Mas é frequentemente colocada como menos importante, como a frente à qual docentes e

pesquisadores acabam dedicando menos tempo e energia. Isso tem a ver com a desvalorização das atividades de extensão dentro da própria universidade e do campo científico em geral.

Fernanda: E tem a ver também com a alta demanda de tempo, recurso e energia que esses projetos envolvem. Ana Conceição e Lana nos contaram um pouco do processo hoje, junto com Ramon, Sara e Lídia.

Daniela: Foi muito bonito ver como juntas elas fizeram uma aliança forte para a resistência das mulheres na Ilha da Marajó, que passa pela criação de possibilidades de trabalho e renda, embora não se resume a isso.

Fernanda: Esse foi o episódio "Mulheres empoderando mulheres na Ilha do Marajó (PA)". Agradecemos muito pela sua audição. Mais informações sobre as participantes do episódio, fotos da nossa viagem pro Marajó, e da gravação na UEPA e no Quilombo Boa Vista você encontra na nossa página: mundareu.labjor.unicamp.br/sexta_temporada. A gente agradece o apoio da Lana, Ana Conceição e toda a equipe da UEPA de Salvaterra.

Daniela: Isabela Dantas fez a transcrição das gravações e Igor Pereira, a revisão do roteiro. Gabriel Marçal fez a edição de áudio e Fernanda Mariath, a divulgação. A música dessa temporada é "Já foi", da cantora Janine Mathias. Agradecemos o apoio da FAPESP, da Unicamp, e do CNPq. Este foi o segundo episódio da sexta temporada do Mundaréu. Voltamos no mês que vem com mais uma história de pesquisa feminista para vocês. Até lá.

[Trilha sonora]

Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

Vamos brincar, já foi

Laialaia, já foi. Vamos brincar

Já foi